


A textured, painterly landscape. In the foreground, a dark, rocky outcrop is visible. A path leads from the bottom center towards a small town with white buildings and red roofs. To the left, the path leads to a beach with waves crashing against the shore. In the background, there are several rounded mountains under a sky filled with soft, white clouds. The overall style is reminiscent of a watercolor or a textured print.

# VIAJANTES



**A**s viagens e seus relatos, tema prezado por diferentes públicos, teóricos, estudiosos ou por apenas curiosos, têm atravessado os séculos e deixado como legado textos e imagens carregados de informação histórica, estética, literária. Exemplos disso são as obras de alguns dos mais célebres viajantes franceses, Jean-Baptiste Debret, *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* (1839), Charles Ribeyrolles, *Brésil Pittoresque* (1859), Auguste de Saint-Hilaire, *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz* (1847). Ou ainda, a *Viagem de von Martius* (1829) e a *Expedição Langsdorff* – 1821-1829, capitaneadas por viajantes alemães, desejosos, ambos, de apreender, pela escrita e pela imagem, um imenso território que lhes escapa não apenas por suas dimensões gigantescas como também por sua diversidade étnica e geográfica. Os diários desses exploradores também se constituem como material importante no que diz respeito à vida pessoal desses atores culturais, revelando, muitas vezes, as impressões que a descoberta do novo território causava sobre eles.

Além dos relatos de viagem e dos diários, os documentos de Estado – tanto o que promove a viagem quanto o que recebe o viajante – podem fornecer dados sobre o papel que buscavam desempenhar no contexto histórico-político em que são produzidos. Nesse sentido, eles são os guardiães de intenções políticas e diplomáticas desses Estados e de seus representantes, e fundamentais para a compreensão de projetos civilizatórios e de natureza colonialista, como prova a correspondência de Ferdinand Denis, por exemplo.

São também imprescindíveis para a definição dessa identidade nacional os textos de ficção que, por meio de deslocamentos – reais ou imaginários – contam o Brasil, definindo, assim, seu “retrato” natural, social e humano. Desde os primeiros românticos até os pós-modernos, encontramos exemplos nesse sentido, como *A Guerra dos Mascates* (1873), *Inocência* (1872), para o século XIX, e *O Tempo e o Vento* (1949-1961), *Macunaíma* (1928), *Grande Sertão: Veredas* (1956), *Dois Irmãos* (2000), dentre outros, para os séculos XX e XXI. No plano teórico, as pesquisas sobre a viagem se inserem, o mais das vezes, nos estudos sobre espaço e seu significado na literatura. Se uma das primeiras obras a se dedicar ao espaço e seu valor no texto poético é a de Gaston Bachelard, de 1957, *La Poétique de l'Espace*, entre os pesquisadores brasileiros, Antonio Dimas, em seu *Espaço e Romance*, de 1985, já traçava as linhas gerais desse enfoque, sem, no entanto, se debruçar sobre as viagens e os deslocamentos particularmente e, sim, sobre a contextualização espacial das tramas. Flora Süssekind em *O Brasil Não É Longe Daqui: O Narrador, a Viagem* (1990), também pensa a questão da identidade nacional e as pontes com a viagem, focando sua análise na figura do narrador. Em 2012, na esteira dos estudos sobre os relatos de viajantes, o historiador Jean-Marcel Carvalho França, em *A Construção do Brasil na Literatura de Viagem do Século XVI, XVII e XVIII: Antologia de Textos – 1591-1808*, se aproxima de nossos interesses, elencando textos de viajantes e lendo-os a partir de um instrumental histórico.

Um dos teóricos que primeiro se dedicou ao estudo das relações entre forma literária e espaço geográfico de forma mais completa é Franco Moretti, com seu *Atlas du Roman Européen – 1800-1900*, de 2000. Além da leitura interdisciplinar minuciosa entre geografia e literatura, o crítico italiano promove um excelente estudo sobre o valor das viagens em algumas das mais emblemáticas obras da literatura universal e europeia, no arco temporal de um século.

Uma das riquezas desse material é a de ser portador de elementos identitários fundamentais, como religiosidade, raça e nacionalidade, acionados intensamente pelos deslocamentos e pelos encontros

num território comum. Em todas essas obras, a viagem se define como elemento crucial para o encontro de culturas, de indivíduos e de mentalidades, e ajudam a elaborar, através do discurso e da imagem, uma ideia de Brasil.

A seguir, os artigos do dossiê “Viajantes” se dedicam a aprofundar o tema da viagem em seus diferentes aspectos, enquanto elemento que permite a construção do Brasil no campo da história e da literatura. ●

*Ana Beatriz Demarchi Barel*

.....  
*RUGENDAS, Johann Moritz. Viagem  
Pitoresca Através do Brasil. 1989, p. 96.*  
.....

